

Afeto e perigo: reflexões sobre máscaras e respiração em tempos de pandemia

Juliana Ramos Boldrin

Doutoranda em Antropologia Social/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

boldrinju@gmail.com

Resumo

Neste artigo, analiso um artefato que se tornou cotidiano e que atua contendo aquilo que escapa às camadas da pele: a máscara. Para tanto, parto do quadro *Os Amantes*, de René Magritte, e de um relato etnográfico sobre um hospital de tratamento de tuberculose. À luz desses dois materiais, situo as tensões entre afeto e perigo geradas pelo contágio no contexto pandêmico, posicionando as máscaras como artefatos centrais para a gestão das misturas corporais. Argumento que, no contexto de pandemia, a máscara faz parte de um movimento mais amplo de proliferação de fronteiras que opera em diversas escalas, que tanto irradiam do corpo quanto nele reverberam. Compreendendo-as como parte deste movimento, foco especificamente no seu acoplamento com a respiração, atentando para a materialidade do seu funcionamento. Nesse sentido, exploro como a respiração emerge não apenas como um ponto de conexão entre nós e o mundo, mas também como um ato que faz da categoria de cuidado profícua para refletir sobre interdependência e corpo político, além de possibilitar imaginar um mundo por vir.

Palavras-chave: Corpo; Contágio; Máscara; Respiração; Cuidado.

Abstract

In this article, I analyze an artifact that has become everyday and that acts containing what escapes the layers of skin: the mask. To do so, it starts from the painting *The Lovers*, by René Magritte, and from an ethnographic description of a tuberculosis treatment hospital.

In light of these materials, the masks are situated as central to the management of bodily dangerous mixtures. I argue that, in the context of a pandemic, the mask is part of a broader movement of border proliferation that operates at different scales, which both radiate from the body and reverberate in it. Understanding them as part of this movement, specifically in their coupling with the breath, the main focus is on the materiality of its functioning. In this sense, I explore how breathing emerges not only as a point of connection between us and the world, but also as an act that makes the care category fruitful to reflect about interdependence and the political body, in addition to making it possible to imagine a world to come.

Keywords: Body; Contagion; Mask; Breathing; Care.

Misturas Corporais

[...] *respirando indistintas*, as bocas
encontram-se [...] onde *um ar pesado vai e vem*
com um perfume antigo e um grande silêncio
[...] enquanto nos beijamos como se tivéssemos
a boca cheia de flores ou de peixes, de
movimentos vivos, de fragrância obscura. [...]
nos afogamos num breve e terrível *absorver*
simultâneo de fôlego [...] *E já existe uma só*
saliva [...].
(Cortázar 2011: 7, realce meu)



Figura 1: Magritte, René. “Les Amants”. Óleo sobre tela. Paris, 1928.

Fonte: WIKIART.

No quadro Os Amantes, em primeiro plano e em tons fortes, um casal se beija. Ao fundo, as cores azul e vermelho estão assimetricamente distribuídas na composição. Os rostos dos amantes não são visíveis porque há a estranha e bonita presença de panos acinzentados envoltos em cada uma de suas cabeças, das quais são visíveis apenas os contornos e as formas imprecisas do beijo nos tecidos. Os panos envolvem apenas os rostos e os pescoços, de modo que é possível vislumbrar uma pequena parte do braço nu de um dos amantes e de suas roupas. A pele, ainda que singelamente, está exposta. Embora o beijo tenha centralidade, mesmo sem toque direto entre as superfícies das bocas, a pintura é nomeada “Os Amantes”, o que parece adensar o significado do beijo.

Particularmente, sempre interpretei a presença dos panos como uma possibilidade imaginativa ao observador para frequentar a perspectiva dos próprios amantes que, beijando-se de olhos fechados, perdem a espacialidade do exterior e que, como

apresentado na epígrafe literária que inicia o texto, confundem as suas respirações, fôlegos e salivas em um absorver simultâneo. Assim, é como se os panos conferissem visibilidade, precisamente, ao que obliteram ao olhar. No entanto, ao mesmo tempo, o observador da pintura também fica diante de um beijo que, pela presença dissonante dos panos, não implica no toque direto entre as superfícies corporais. Com isso em vista, os panos podem ser enquadrados como algo que abarca certa duplicidade, ou seja, a um só tempo, duas perspectivas do beijo coexistem na pintura.

De um lado, a interpretação imaginativa torna visíveis corpos que, em alguma medida, misturam-se. Dentre outras coisas, um beijo é a confusão da saliva e a indissociabilidade do ar e das respirações que envolvem a proximidade e a intimidade. De outro lado, o beijo tem forma concreta através da presença de uma barreira entre as superfícies corporais, a qual seria impeditiva da troca direta dessas mesmas substâncias. Esta duplicidade me inspira a explorar analiticamente os panos, a fim de estabelecer uma comparação entre eles e as máscaras, esse novo artefato de uso cotidiano, utilizado como forma de precaução contra o novo coronavírus, o agente patogênico que causa a Covid-19.

A antropóloga Isabel Franke (2019) debruçou-se sobre a invenção das máscaras de gás usadas em contextos de guerra. Para tanto, tomou como pressuposto que a máscara possui dois lados, “[...] o do forro — a perspectiva de quem a veste, e o de fora —, aquilo que um observador vê diante dela” (Franke 2019: 66). Ainda que a máscara de que versa a autora seja específica em tipo (de gás) e em contexto (de guerra), a sua assertiva a respeito dos dois lados é pertinente para tratar das máscaras de maneira geral¹. Um dos lados desse objeto, o do forro, pode ser associado com a possibilidade de interpretação imaginativa que sugeri sobre o quadro. Ou seja, evoca a perspectiva de quem veste a máscara e, portanto, a respiração. O outro lado, externo, e que, portanto, move-nos para a perspectiva de quem olha, faz as vezes dos panos não como um convite imaginativo, mas como presença dissonante que invisibiliza os rostos ao observador.

Nesse sentido, inspirada pela pintura, isto é, pela possibilidade de coexistência de duas perspectivas, proponho atentar para a materialidade do funcionamento das máscaras, especificamente no que concerne ao seu acoplamento com a respiração. A máscara pode participar de agenciamentos muitos diversos, como exemplifica a própria máscara de gás acima citada. Meu interesse é, precisamente, explorar como o contexto pandêmico traz à tona a possibilidade de vincular a relação máscara-respiração com novas modulações

1 Há uma variedade de tipos de máscaras, produzidas com diferentes materiais, como, por exemplo, a N95, utilizada em contextos hospitalares. Aqui, refiro-me às máscaras de pano, de uso mais difundido até determinado ponto da pandemia e feitas, geralmente, pela sobreposição de ao menos dois tecidos. Com isso, não ignoro os diversos materiais de que podem ser feitas, os diferentes efeitos na filtragem, tampouco que o modo de as manusear é essencial para a segurança em relação ao contágio.

de cuidado. Portanto, focalizando no lado do forro, argumentarei que, a partir deste lado, há, novamente, uma bifurcação de perspectivas quando olhamos para dois aspectos do processo respiratório: o de movimento constante – da inspiração e da expiração –, e o de relação contínua com o que escapa às camadas de pele.

A intenção é conferir um tratamento analítico a este artefato tendo como norte um exercício amparado na assertiva de bell hooks (2020) acerca da imaginação. Desta forma, procuro enraizá-lo na nossa “[...] realidade concreta enquanto, simultaneamente, imaginamos possibilidades além dessa realidade” (hooks 2020: 157). Isto significa que, a partir da atenção à materialidade do funcionamento das máscaras e para o que tornam visível sobre a respiração, mobilizarei as noções de cuidado e interdependência também como formas para imaginar em um mundo pandêmico².

Com isso em mente, este artigo está organizado em quatro partes. Antes de anunciá-las, no entanto, cabem alguns esclarecimentos sobre os materiais que o compõem. Da pintura de Magritte, passando pela epígrafe de Júlio Cortázar, aos diálogos com os autores ao longo do texto, os referenciais escapam às ciências sociais e à antropologia, encontrando-se nas artes e em outros campos de conhecimento. Trata-se de um experimento textual, que por essas escolhas adquire um tom bastante ensaístico, cujo intuito é produzir uma reflexão a partir e com esses diferentes materiais, compreendendo-os como ferramentas com as quais é possível pensar antropologicamente. Posto isso, o que costura cada uma das partes deste artigo e os diferentes materiais utilizados é o pressuposto de que o corpo não termina nas camadas de pele. Este tema já foi explorado sob diferentes ângulos (Bateson 1972; Haraway 1995; Stolow 2020; Mol 2002; Ingold 2010), no entanto, interessa-me, sobretudo, examinar o que o contágio produz em relação a essa porosidade corporal (Stolow 2020) em tempos de pandemia, especificamente em relação às máscaras.

Assim, na primeira parte, nomeada de “Afeto e Perigo”, mobilizo uma cena etnográfica pertinente ao hospital de tratamento de tuberculose, doença infectocontagiosa que, assim como a Covid-19, é transmitida pelas vias aéreas. Este contexto hospitalar bastante localizado possibilita algumas relações com a pintura de Magritte, a fim de situar os vazamentos e misturas corporais afetivas no terreno da periculosidade e do contágio. Na segunda parte, “Proliferação de Fronteiras: as máscaras”, demonstrarei como a relação entre misturas corporais e doença contagiosa produz a criação de fronteiras e espacialidades bem delimitadas, argumentando que as máscaras, no nível do corpo, inserem-se nesse movimento mais amplo, mas com especificidade. A especificidade

2 A noção, tal como utilizada por bell hooks (2020), diz respeito principalmente ao que a autora define como uma política feminista visionária e, portanto, às possibilidades de futuro em meio às relações de opressão de gênero, classe e raça.

provém de que a máscara se acopla, justamente, à respiração. Investindo nessa relação, argumento, na terceira parte deste artigo, “A Respiração: visibilidades e políticas”, que a máscara faz ver que a respiração consiste em um ponto de conexão entre nós e o mundo que deve ser tratada como política. Em vias de concluir, na última parte, “À Guisa de Conclusão: o cuidado como forma de imaginar”, pontuo que a categoria de cuidado é profícua não apenas para refletir a respeito de noções como interdependência e corpo político, mas também para imaginar um mundo por vir.

Afeto e Perigo

Em 2018, eu fazia pesquisa de campo em um hospital de tratamento para a tuberculose³, doença infectocontagiosa causada por uma bactéria, o *Mycobacterium tuberculosis*, também conhecida como bacilo de Koch. A tuberculose, como a Covid-19, é uma doença transmitida pelas vias aéreas, principalmente através da tosse e do espirro, de maneira que as máscaras também compunham a estética e a rotina de cuidado hospitalar, sendo usadas tanto pelos pacientes quanto pelos profissionais de saúde.

Certa vez, ao longo da minha pesquisa de campo, uma tempestade se armava no céu, pintando a atmosfera da tarde em tons cinzas. Diante da chuva iminente, saí correndo por toda a extensão externa para tentar chegar ao ponto de ônibus, localizado logo na saída do hospital, antes da chuva que, contra minhas expectativas, já começava a cair forte. Mesmo correndo, uma cena me capturou no caminho. Em determinado momento daquele percurso avistei uma paciente com quem havia conversado boas vezes até aquele dia, junto a ela estava um moço. Naquele instante em que passava apressada, os dois pacientes estavam embaixo de um toldo, tentando não tomarem chuva, e muito próximos e sorrindo, estavam em vias de se beijarem. De relance, eu vi ao longo dos dias anteriores o flerte entre eles e também crescer a intimidade entre os dois. Sabia da importância daquela relação em um contexto de hospitalização de longa duração que tornava a passagem dos dias dentro da instituição penosa. No entanto, mesmo com toda a apreciação daquele afeto, a cena causou desconforto. Dei tchau para eles e segui meu caminho. Todavia, a cena me acompanhou.

No dia anterior, o moço falava com desespero da sua realocação em uma ala que estava em reforma e que, naquele dia, voltara a funcionar. A nova ala foi chamada de

3 Trata-se do Hospital Estadual Nestor Goulart Reis, um centro de referência no tratamento exclusivamente hospitalar da tuberculose, situado na cidade de Américo Brasiliense, no interior do Estado de São Paulo. Ainda que a doença seja tratada pela via ambulatorial desde a década de 1980, o hospital atende uma demanda dos postos e unidades de saúde, cujos pacientes, por algum *motivo social*, não *aderem* ou não conseguem realizar o tratamento ambulatorialmente.

isolamento. A realocação do paciente se deveu a alguns aspectos específicos desta doença e a como era gerenciada no interior da instituição.

*

A tuberculose tem por especificidade ser uma doença que, após iniciado o tratamento, o paciente deixa de estar contagioso nos primeiros dias ou meses. Então, ainda que o tratamento seja de longa duração – ao menos seis meses –, após iniciado, a pessoa pode deixar de estar contagiosa muito antes do seu fim, o que marca um momento crucial para a demarcação da evolução do quadro clínico, mas não a cura, ainda que seja um importante indicativo. Há uma classificação que nomeia essa diferença de momentos de tratamento entre pacientes ainda contagiosos, classificados como *positivos*, e aqueles não mais contagiosos, que são classificados como *negativos*⁴.

A ala para a qual o moço havia sido transferido cumpria o papel de separar os pacientes *positivos* dos *negativos*. No isolamento passaram a ser alocados todos os pacientes *positivos*, mantendo-os espacialmente separados dos pacientes *negativos*⁵. Se por um lado a transferência do moço para o isolamento, da qual fiquei a par diante de sua queixa no dia anterior, permitia inferir que ele estava *positivo*, por outro, eu sabia que a paciente estava *negativa* em vista da nossa convivência anterior.

Assim, o beijo e a proximidade deles podiam ser como um respiro no meio do dia naquele contexto de enclausuramento, mas eram a possibilidade da paciente – em estado *negativo* – regredir no seu tratamento, retornando a um estado contagioso e de manifestação sintomática da doença. Ao afeto somava-se a possibilidade de contágio.

A proximidade deles naquele dia estava na contramão das próprias divisões espaciais das alas, cujo intuito, como dito, era controlar as relações e contatos e, por conseguinte, também a circulação da bactéria e do contágio. Aquele momento-instante, tão rápido, tão fugaz, de pressa, no qual presenciei um quase beijo e a afetuosidade, apresentava-se, assim, como perigoso, informando meu desconforto. Isto por causa das misturas corporais que a proximidade colocava em jogo, as quais estavam emaranhadas à possibilidade de presença da bactéria que causa a doença, por causa dos fôlegos que se imiscuíam e das respirações que se confundiam.

4 Em relação ao contexto etnográfico, as palavras grafadas em itálico marcam termos êmicos. Além disso, vale dizer que o tempo para deixar de estar contagioso é variável e depende de uma gama de fatores, mas um caso sem quaisquer complicações pode apresentar-se como não mais contagioso em, por exemplo, quinze dias, ainda que o tratamento siga adiante até completados os seis meses, no mínimo.

5 Os pacientes *negativos* eram organizados em duas alas: ala feminina de pacientes *negativos* e ala masculina de pacientes *negativos*. O isolamento não tinha esse recorte de gênero, porque os quartos eram individuais, devido ao momento contagioso dos pacientes.

Após este dia, o quadro “Os Amantes” pareceu uma espécie de materialização visual daquela cena. A duplicidade dos panos, sobre a qual argumentei antes, parecia ser apropriada para ilustrar a condensação das tensões entre afeto e perigo. A perspectiva imaginativa que propus faz ver que os beijos envolvem misturas e substâncias corporais. Ao mesmo tempo, o quadro parecia materializar as tensões, porque os panos da obra geram o efeito visual de obliteração do rosto, cuja consequência é, precisamente, o impedimento do contato direto, aquilo que se coloca no entremeio das superfícies das bocas; aquilo pelo que o ar da respiração passa primeiro, antes de se misturar com a respiração do outro corpo para se tornar um “absorver simultâneo de fôlego” (Cortázar 1987: 7). Logo, é como se os panos fizessem as vezes da barreira de que eu senti falta no meu desconforto, ao mesmo tempo que informavam sobre as misturas que ocorrem em um beijo, condensando, em uma só imagem, periculosidade e afeto.

O beijo traz à tona corpos que vazam, que escapam às camadas de pele, que não se encerram em uma totalidade corporal delimitada e unitária. Além disso, a junção da cena etnográfica com o quadro ou, em outras palavras, a compreensão do segundo como materialização imagética da condensação e das tensões entre afeto e perigo da cena, transforma os próprios afetos ao entrelaçá-los à periculosidade.

Se em 2018, quando eu fazia pesquisa de campo, palavras como “isolamento”, o vínculo entre proximidade e contágio e a atenção aos contatos pareciam-me bastante circunscritos àquele contexto institucional, com a pandemia de Covid-19 esses são pontos que permeiam o dia-a-dia em escala global. Do mesmo modo, os afetos e encontros têm sido transformados em larga escala, adquirindo novas formas e configurações, geralmente mediados por interfaces digitais. O contexto pandêmico, então, possibilita um reencontro com esses materiais, já que tanto trazem as tensões entre afeto e perigo quanto permitem vislumbrar que o corpo não é uma entidade unitária, encapsulado por uma superfície.

O corpo vaza, é lábil e poroso (Stolow 2020). E, como argumentou Jeremy Stolow (2020) a partir da noção de “corpo pandêmico”, diversos seres vivos coabitam no que é entendido como corpo humano e no microambiente dentro do qual cada corpo está. Além disso, corroborando aquilo que se quer fazer ver através do beijo, o autor salienta a impossibilidade de não emaranhar o corpo a essa névoa circundante microscópica. Nesta infinidade de coabitações estão seres microscópicos, os quais, tal como o vírus, ocupam o espectro da invisibilidade. Quando o corpo e os afetos de proximidade se tornam perigosos nesta escala, pandêmica, o quadro de René Magritte já não parece materializar apenas aquela cena de dois anos atrás, mas a dificuldade das relações, o travamento dos afetos, das aproximações, encontros e dos toques em geral.

Certamente a dimensão da Covid-19, sua letalidade, a natureza do agente causador (um vírus) e sua potencialidade de transmissão a diferenciam sobremaneira da tuberculose, doença causada por uma bactéria e cujo potencial de transmissão é muito menor, além do fato primordial de que a tuberculose tem tratamento. Entretanto, essa aproximação entre as duas doenças permite tratar da condensação e das tensões do entrelaçamento entre afetos e perigo através do contágio e das misturas corporais. Assim, essa aproximação traz à tona como, nos hábitos mais prosaicos, o corpo se mistura para além do que nossos olhos podem ver, em espectros invisíveis, e, também, a emergência de gestões corporais, de embarreiramentos de contatos que criam novos modos de manusear o corpo e que modulam de diferentes formas afetos e proximidades.

No centro desta periculosidade e das novas gerências em torno do corpo estão as máscaras.

Proliferação de fronteiras: as máscaras

Da bonita descrição das misturas de respirações e fôlegos de um beijo, de autoria de Júlio Cortázar (1987), ao perigo da intimidade e proximidade em um hospital de tuberculose, o corpo se torna um lócus de perigo e a máscara passa a compor, de maneira essencial, as tessituras desta periculosidade. No caso da pintura, os panos encobrem apenas os rostos dos amantes. Ao apresentá-la, reforcei que a pele do braço de um dos membros do casal está exposta. A pele também está em constante relação com o meio “externo”⁶, afinal ela não é uma superfície impermeável. No entanto, o tipo de contágio em questão, pelas vias aéreas, faz da espacialidade do rosto, com suas cavidades, primordial. Considerando esse aspecto, a máscara emerge como um artefato central ao cuidado de prevenção, já que ela produz uma espécie de fronteira que atua embarreirando as trocas e porosidades da respiração e da boca.

O rosto, além de ser um lugar de ressonância das subjetividades (Deleuze & Guattari 1996) é um dos lugares pelos quais a respiração passa. O contágio, tanto no caso da tuberculose quanto da covid-19, se dá pelas vias aéreas, tornando esse artefato essencial para compreender as relações tecidas com o invisível. Em suma, a máscara cria uma fronteira respiratória e visual, mediando não apenas o que é possível ver ao obliterar

6 Ao longo do texto mobilizo noções como interno e externo, dentro e fora e ambiente sempre entre aspas. Essa escolha é uma estratégia analítica inspirada no que chamei de mecanismo de funcionamento das máscaras, já que, ao fim e ao cabo, o argumento deste artigo tem por objetivo demonstrar tanto a produção dessas dimensões quanto a artificialidade delas. Deste modo, as aspas operam como uma estratégia para, a um só tempo, tratar desses jogos constantes entre diferentes dimensões e não reificá-las. Em última análise, os jogos entre as diferentes dimensões de que trato tem por objetivo fazer ver uma dinâmica de diferenças relacionais.

parte do rosto para quem olha, mas também mediando a troca de ares com o “ambiente”⁷, ou seja, atuando nos entremeios das porosidades corporais invisíveis aos olhos nus.

Se as máscaras têm sido objetos centrais para precaução contra o novo coronavírus, elas também trouxeram uma série de questões para o debate público e para as relações cotidianas desde o começo da pandemia no Brasil: ansiedade, eficácia, dificuldade para respirar, sensação de sufocamento, materiais eficazes na filtragem do vírus, incômodo com a perda de rostidade, decretos de obrigatoriedade do uso, multas, pessoas se recusando a usá-las ou utilizando-as na altura do queixo e tocando a sua superfície de maneira não recomendada. Quanto ao último ponto, vale apontar que o mesmo objeto que protege, ao ser manuseado de modo errado, torna-se uma potencial fonte de contaminação, o que traciona mais uma ambiguidade que o permeia. Além disso, as máscaras foram pivô em torno de questões de governança e dos debates sobre negacionismo, da eficácia do saber científico, principalmente com as imagens de autoridades públicas em aglomerações sem utilizá-las.

Levando a cabo a relação até aqui estabelecida com os panos, as máscaras podem ser compreendidas dentro de um movimento mais amplo de proliferação de fronteiras e de embarreamento em tempos de pandemia. Especificamente em relação à pandemia, esse aspecto já foi notado, e na mesma medida criticado, por Paul Preciado (2020). De modo semelhante aos autores que tratam de problemáticas ambientais, Preciado afirma que a saúde não virá da imposição de fronteira, mas sim de um entendimento de comunidade que abarque outros seres vivos (Preciado 2020). Por outro lado, Michel Foucault (2018), através dos exemplos históricos da peste e da varíola, analisou como essas doenças foram geridas. No modelo da lepra, os doentes eram mandados para fora dos muros da cidade. A separação era baseada na divisão entre leprosos e não leprosos. Tratava-se de um modelo de exclusão. O modelo da peste, ao seu lado, amparava-se na inclusão. Nele se instituiu a quarentena das cidades, a qual fundamentava-se na circunscrição de territórios

7 A relação entre corpo e ambiente já foi explorada através de algumas perspectivas. Destaco a importância da fenomenologia e a centralidade conferida à percepção na compreensão dessa relação. Esta vertente filosófica, principalmente via Merleau-Ponty, é sumária, por exemplo, para as atuais reflexões de Tim Ingold (2010), para quem a percepção denota um engajamento ativo no e com o mundo, cuja consequência é a compreensão da mente, do corpo e do ambiente como dimensões emaranhadas ao habitar o mundo, tornando os corpos indissociáveis dos fluxos de vida do ambiente. Além disso, também friso o trabalho de Félix Guattari (2018), que inserido no campo de debate que intersecciona psicanálise e ecologia, traz o conceito de ecosofia para articular as dimensões do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade e, por último, Gregory Bateson (1972) que, no campo da cibernética e através do que chamou de ecologia das ideias, argumentou que a mente é imanente não só no corpo, mas nos padrões, mensagens e informações desse sistema mais amplo, que, no fim das contas, é o próprio mundo e do qual a mente é um subsistema. Diante disso, realço como a literatura focada no debate ecológico opera reflexões que desestabilizam o ambiente enquanto dado. Ou seja, como não o reificam e reposicionam debates teóricos e epistemológicos.

— vilas e bairros por exemplo —, ou seja, no estabelecimento de territorialidades bem delimitadas. À semelhança do modelo da lepra, essas delimitações separavam, mas funcionavam e tinham objetivos diferentes. O intuito não era excluir, mover para fora dos limites da cidade, mas circunscrever o espaço para esquadrihar e analisar. Neste caso, as delimitações espaciais organizavam para que fosse possível estabelecê-las como lócus de análise e produzir informações, gestões da saúde e mapear a presença da peste em suas capilaridades.

Foucault (2018) diferencia o modelo da separação, no caso da lepra, do da quarentena, no caso da peste, trazendo à tona que neste último caso tratava-se de incluir o doente no escopo da gestão e do poder. Incluía-se para se ordenar e organizar, produzir censos, estatísticas e maximizar a saúde. No entanto, quero chamar atenção para como, em ambos, vê-se como a possibilidade de contágio faz operar como estratégia algum nível de separação ou de delimitação espacial, ainda que as formas, operacionalizações e objetivos sejam diferentes. No próprio hospital de tuberculose a que fiz referência na seção precedente, uma das estratégias de lido com o contágio era separar espacialmente os pacientes contagiosos (*positivos*) dos não contagiosos (*negativos*) a partir de como as alas eram divididas. Assim, tanto em Foucault (2018), a partir da peste e da lepra, quanto em Preciado (2020), a partir da Covid-19, bem como no contexto etnográfico do hospital de tuberculose, vê-se a criação de fronteiras e delimitações para se lidar com doenças que, dentre outras coisas, são (e eram) contagiosas, salientadas as diferenças e escalas que as permeiam.

Na pandemia, esses movimentos têm sido evidentes. A proliferação de novas fronteiras é visível em escala global, por exemplo, nas relações entre fronteiras nacionais e políticas de imigração, que se acoplam aos perigos do novo coronavírus e tomam formas de governanças que funcionam a partir de políticas coloniais e racistas, trazendo à tona que essas operações estão enredadas com a marcação racial dos corpos. Em outro nível, a casa e a rua também demonstram o ponto: é preciso *higienizar* tudo que possa ser um rastro da rua no corpo ou nos objetos antes de atravessar o limiar da porta. A porta da casa se tornou uma posição intersticial perigosa (Douglas 1976), que funciona como um limite, um entremeio no qual o corpo e os objetos devem ser manuseados, a fim de que não carreguem o vírus para dentro. Nesse sentido, Maria Cláudia Coelho (2020), por exemplo, argumentou que:

“(...) uma profunda *angústia do contágio*, tanto mais acentuada pela impossibilidade de quebrar os elos da corrente, tendo em vista que a plena higienização suporia um sujeito sem qualquer tipo de contato com qualquer coisa que lhe seja externa — incluídos aí o ar que se respira e o

chão em que se pisa. Entretanto, os ditames são para que esses contatos sejam incessantemente “quebrados” pela intermediação dos elementos dotados das propriedades corretas — álcool, sabonete, detergente (para “matar” o vírus) ou panos, acrílico, filtros (para “barrar” o vírus)” (Coelho 2020: 4).

Cada um desses exemplos põe a nu complexas relações políticas e sociais. Por exemplo, em meio às inúmeras gestões espaciais da doença, com posições intersticiais, *higienização* e criação de fronteiras, a casa emergiu como um espaço seguro em relação ao vírus, mas também se tornou visível como um espaço de perigo a partir de inúmeras problemáticas em torno de violências de gênero. Estes exemplos demonstram que o estabelecimento de fronteiras, em várias escalas, é atravessado por questões de ordem política que irradiam do corpo e da sua potencialidade de fazer circular o vírus, mas que também reverberam nele. No nível corporal, é a máscara que opera como uma fronteira, que produz separação e que atua contendo aquilo que vaza e que pode ser contagioso. Nesse caso, trata-se de uma fronteira específica, que se acopla e desacopla ao rosto. Ela se constitui como uma fronteira produtora de um embarreamento singular, porque está em relação com a respiração, a qual será objeto de minha atenção a seguir. Portanto, meu interesse é: o que o olhar para uma fronteira no nível do rosto faz ver sobre o corpo, suas misturas e, ainda, que possibilidades imaginativas abre? Partindo da singularidade desta fronteira corporal, no que segue, traço algumas possibilidades em torno desta pergunta.

A respiração: visibilidades e políticas

A respiração recebeu pouca atenção teórica e filosoficamente (Ingold 2010). Ainda que seja um ato vital, ela, como o ar e como o vírus, é invisível aos nossos olhos nus. Ademais, mesmo que seja uma constante em cada um de nossos corpos, não é comumente notada, a não ser por situações de doenças respiratórias ou pulmonares, ansiedade ou realização de atividades físicas intensas, além das práticas baseadas na consciência respiratória, como é o caso de algumas formas de meditação. Contudo, a pandemia trouxe notabilidade a esse processo, o qual pode ser mais prontamente concebido como fenômeno histórico, cultural e existencial (Macnaughton & Carel 2016). A notabilidade passa pelos equipamentos de oxigênio, sua presença ou não na rede hospitalar, pelos quadros severos em torno das dificuldades respiratórias, pelos efeitos e sequelas da doença no pulmão, mas também pela conscientização da própria respiração ao utilizar a máscara.

A máscara tanto tem produzido novas visibilidades da respiração quanto novas formas de respirar. Uma maneira de exemplificar a desautomatização e a centralidade desse processo em relação a esse artefato foi que isso apareceu na esfera pública e nas relações

cotidianas como sensação de sufocamento. A respiração passou a ser sentida, tornou-se uma temperatura quente que habita o limiar entre o rosto e o material das máscaras, muitas vezes tornou-se uma dificuldade, e mesmo uma sensação de sufocamento, um ar pesado e uma questão de disciplina respiratória que também envolve onde as mãos tocam. Postas essas questões, considero que seja frutífero atentar brevemente para o funcionamento das máscaras no rosto, junto à respiração.

As máscaras operam acoplando-se ao rosto e aos pulmões — o órgão da respiração, muitas vezes referenciado como metáfora da própria vida (Sontag 1978) em diversos contextos. Associando-se aos movimentos musculares de expansão e contração do órgão, desempenham o papel de filtrar os ares. O ar é inspirado, inalado. Ao ser puxado, passa pelas malhas dos tecidos, atravessando suas camadas e o emaranhado de fios. Então, extrai-se do ar o oxigênio e, em seguida, na expiração, elimina-se dióxido de carbono. O movimento é ininterrupto.

Ao mesmo tempo que torna esses movimentos mais perceptíveis ou sentidos, por assim dizer, o artefato se constitui como uma fronteira facial, mas uma fronteira que embarreira parcialmente; a fronteira é porosa e tem de sê-lo como condição para que a respiração aconteça, já que o processo depende do ar.

As iconografias têm sido um recurso frequente para conferir visualidade a essa singularidade porosa. Elas ilustram as possibilidades de contágio e como ele ocorre. A partir das misturas corporais, nas quais se insere o movimento duplo de entrada e saída dos ares do corpo, são feitas representações de projeções da extensão de um espirro ou de uma tosse nas gotículas liberadas com e sem uso de máscaras; representações da sua capacidade de filtrar no contato entre pessoas na distância recomendada — de 1,5m e 2,0m — e, também, com a distância menor do que a recomendada. Ao mesmo tempo, os espaços ao ar livre também se tornaram uma recomendação, principalmente em vista da possibilidade de diluição das possibilidades de misturas corporais. Assim, a ideia de distância e proximidade que as iconografias ilustram, pontuam métricas de alcance dos extravasamentos corporais e, inversamente, também daquilo que se lança para “dentro” do corpo. Os limites, alcances e perigos envolvidos nas misturas corporais — seja em uma conversa, na tosse ou no espirro —, a partir do uso de máscaras e do respeito à distância social são visualizáveis.

Giovana Paccilo (2020) analisou uma técnica de visualização da respiração nomeada *shadowgraph*⁸. A autora demonstrou como as imagens produzidas a partir desta técnica, durante a pandemia, têm povoado vídeos do Youtube e canais de televisão, corroborando

8 Para uma descrição apurada da técnica, ver Paccilo (2020).

a necessidade e a eficácia do uso de máscaras. Nesse caso, a visualidade da respiração nas imagens, conforme argumentou Paccilo (2020), é diferente daquela apresentada, por exemplo, por um gráfico. Neste último tipo de representação imagética, geralmente há necessidade de um mediador, um especialista que decodifique a informação para o público, enquanto que as imagens feitas via *shadowgraph* teriam uma recepção que não passa por acreditar na ciência, cujo discurso e produção de verdade estão em disputa. De outra forma, essa forma de visualização da respiração passa por uma dimensão que envolve conseguir ver o caminho e o alcance da respiração com os próprios olhos. Ou seja, as imagens feitas a partir da técnica de *shadowgraph* assumem um aspecto de apresentação da respiração e, diferentemente de um gráfico, não implica em um esforço de tradução de experts para o público leigo, diminuindo a mediação envolvida na informação. Deste modo, é notável como diferentes técnicas que fazem ver aquilo que é invisível operam efeitos muito distintos.

A proliferação dessas imagens explicita deslocamentos no ar, como também chamou atenção Paccilo (2020). Diante dessas visibilidades, vem à tona dois aspectos acerca da relação respiração-máscara. O primeiro, já reforçado, diz respeito a como a máscara se constitui como uma fronteira porosa. Afinal, como as iconografias permitem inferir, o corpo segue vazando, mas de modo controlado, mediado e metrificado. Quer dizer, os fluxos das misturas corporais não são paralisados ou interrompidos, já que a máscara não pode fazê-lo como condição para que a respiração seja possível. As métricas de distância e proximidade, com e sem a máscara, evidenciam que se trata de uma questão de alcance. Assim, a máscara é uma fronteira que não corta os fluxos, mas os filtra e opera no seu alcance e no embarreiramento das relações com agentes microscópicos que habitam a “névoa circundante” que compõe uma espécie de aura ao redor dos nossos corpos (Stolow 2020).

O segundo ponto a ser destacado diz respeito à noção de movimento que surge junto a essa porosidade da fronteira. Se o lado do forro induz a focalizar na respiração, este lado “interno” se duplica ao repor, uma vez mais, o jogo entre “dentro” e “fora”. Isto é, ao fazer a respiração mais sentida e notada também faz com que ela emergja como movimento que se baseia na entrada e saída de ares do corpo. Ou seja, aferir as métricas e alcances faz com que a respiração possa ser decomposta a partir dos movimentos de inspiração e expiração, sendo que ambos atravessam o lado do forro da máscara. O “fora”, o ar inspirado, também passa pelo forro, de modo que é chamado a compor o lado de “dentro” do corpo. É nesse sentido que há uma nova bifurcação de perspectivas nesse nível de análise: a do que é inspirado, e faz referência ao que entra no corpo, e a do que

é expirado, e faz referência ao que sai do corpo, sendo que aquilo que é expelido por um corpo pode ser o que “entrará” no outro. É essa duplicação de perspectivas que torna possível relacionar as máscaras com a noção de cuidado e interdependência.

As iconografias também são úteis para visualizar esse segundo ponto. A ilustração ocorre sempre delineando um jogo duplo entre o que é lançado do corpo e o que pode se lançar para dentro do corpo. Ou seja, poder se contagiar é sempre também poder contagiar outra pessoa. É nesse sentido que, se a máscara pode ser analisada desde o pressuposto de que há uma perspectiva interna (respiratória) e outra externa (visual), o próprio lado do forro, interno, e, por conseguinte, da respiração, duplica, novamente, as perspectivas. Em outras palavras, o que “entra” no corpo, o que é inspirado, está em relação com o que é “externo” ao outro corpo, ao que, por outra pessoa, foi expirado. O movimento contínuo da respiração, associada à máscara, pressupõe a entrada e também a saída de ar, jogando com a mobilidade de noções como a de “dentro” e “fora” e, dessa forma, tornando a possibilidade de respirar (e, portanto, de viver) uma relação necessária com o que escapa de si mesmo e que é puro movimento.

Em resumo, quando a máscara forja artificialmente essa barreira porosa no rosto, a atenção à respiração permite decompô-la a partir desses dois movimentos que a conferem consistência e materialidade concreta, a inspiração e a expiração. Esses dois movimentos interdependentes fazem ver com radicalidade que o corpo não se constitui enquanto uma totalidade unitária, acabada em si mesma. A inspiração e a expiração podem, então, ser compreendidas como misturas com o ar, este não como um agente externo que ocupa um espaço amorfo, vazio e objetificado, mas como uma espécie de corpo em relação com entes vivos que se engaja com os nossos pulmões, flui pelo corpo e sai dele, misturando-se novamente, saindo de forma transformada para compor com o mundo. No ar, por sua vez, estão os vazamentos corporais daqueles que nos circundam.

É notável, ainda, como o próprio pulmão emerge enquanto parcialmente dotado de externalidade. A internalidade espacial do órgão depende da sua relação com o “ambiente externo”, pois ele funciona em articulação constante com ele. Considerando esses aspectos, e como a respiração necessariamente localiza e engaja nossos corpos no mundo, ela pode ser compreendida como uma forma de visualização da nossa conexão com o mundo (Macnaughton & Carel 2016) no sentido mais material e, concomitantemente, mais invisível possível. O movimento é do corpo no e com ar, ao mesmo tempo. Portanto, a respiração aparece, ganha forma, se explicita como um movimento que faz ver que a nossa existência corporificada depende de um engajamento ininterrupto com o que escapa às camadas da pele. Nesse sentido, o funcionamento deste artefato implica que o cuidado de

precaução contra o coronavírus, e o cuidado no que concerne à possibilidade de ser um corpo perigoso que pode contagiar, ocorra sendo um cuidado de si e do outro. O corpo não se desenreda do ar. Novamente, respirar é um movimento corporal com e no ar. E, no ar, os vazamentos corporais estão suscetíveis ao encontro, o que fazia parte do espectro do “dentro” do corpo de alguém, pode tornar-se o “dentro” no corpo de outrem.

Ao forjar o jogo entre “dentro” e “fora”, através do movimento de inspiração e expiração, a máscara faz ver, assim como os panos do quadro de Magritte, que os extravasamentos corporais abarcam, a um só tempo, a possibilidade de coexistência de perspectivas, tornando o uso da máscara uma ação que, ao produzir o autocuidado, também cuida do outro⁹.

Diante dessas constantes invisibilidades – do vírus, do ar, das presenças de corpo no ar, de corpos que se tornam perigosos, da respiração, do que vaza –, a delimitação específica promovida pela máscara e como ela se acopla com a respiração, lembra-nos que estamos conectados com o mundo, porque estamos em relações de interdependência com outras pessoas e microrganismos no ato mais prosaico, e do qual dependemos para viver. Esses movimentos de inspiração e expiração não se reduzem simplesmente a uma troca com o “ambiente”, enquanto um recurso dado e amorfo. A respiração é, justamente, um movimento de interdependência e, mais do que isso, ela é política. Quanto a isso, a pandemia, diante de um vírus que ataca o pulmão e a respiração, tem posto a nu e sido intensificadora de desigualdades econômicas, sociais, de raça, gênero e classe, no que concerne a quem pode viver e a quem deve morrer (Mbembe 2016). Neste contexto, a atenção para a respiração tampouco se circunscreveu às visualizações e às dificuldades de uso da máscara. Ela se tornou explicitamente política.

O historiador e filósofo pós-colonial Achille Mbembe (2020) argumentou que o capitalismo e o colonialismo têm confinado populações inteiras a uma respiração sufocante, pesada e contaminada. A toxicidade presente no ar, no solo, na atmosfera e nos rios é uma condição estruturante da Terra – cujos pulmões são as florestas –, e também dos corpos. Essa toxicidade estruturante, no nível corporal, está entrelaçada com a distribuição desigual das vulnerabilidades. Portanto, enquanto esse elo entre corpo

9 Certamente cuidado é uma categoria polissêmica e, conseqüentemente, objeto de inúmeras reflexões. Pode-se colocar, no entanto, que foi uma categoria muito analisada na sua relação com gênero. Com isso em mente, ressalto dois trabalhos sobre o tema. Annette Baier (1993), desde uma perspectiva da filosofia moral feminista, apresentou o cuidado e a confiabilidade a partir da ótica do gênero, salientando que há um antagonismo de perfil moral entre homens e mulheres no que concerne a tal aspecto. Denise Pimenta (2019), no contexto de epidemia de ebola em Serra Leoa, também demonstrou como o trabalho do cuidado é genderificado e, mais do que isso, perigoso naquele contexto de epidemia. Nesse sentido, a autora ainda argumentou que tornar-se mulher em Serra Leoa passa por aprender tarefas da esfera do cuidado, o qual é invariavelmente entrelaçado ao amor.

individual e político, a respiração traz à tona que a interdependência que tangencia as possibilidades de respirar é um plano de composição imiscuído com as possibilidades de quem pode viver e de quem morre.

Assim, o meu ponto é que na pandemia as máscaras se engajaram de maneiras específicas com a respiração, o perigo e o afeto. Descrever esses engajamentos específicos possibilita alargar a noção de cuidado, principalmente a partir das conexões entre os corpos, visíveis através do contágio e das porosidades corporais. Pela relacionalidade envolvida na respiração, nos seus alcances e nas possibilidades de misturas corporais, proteger-se usando máscara é, ao mesmo tempo, proteger os outros corpos. Com isso, uma imagem poderosa do cuidado emerge e essa se torna uma noção poderosa para mobilizar a interdependência entre corpos, sejam eles humanos ou não-humanos. Mais do que isso, a mutualidade do cuidado aqui descrita através desses engajamentos faz da máscara um dispositivo político poderoso para imaginar. Como Mbembe e Paul Preciado (2020) apontam, a questão pertinente talvez seja a de refletir sobre uma vida na terra com os outros, incluídos os microrganismos. A relação respiração-máscara aparece como um ponto nevrálgico que demonstra a distribuição desigual das vulnerabilidades e, também, que o cuidado pode ser uma prática de mutualidade, que mobiliza capacidades de resposta a um sujeito neoliberal encapsulado pela pele e pela noção de indivíduo.

À guisa de conclusão: o cuidado como forma de imaginar

Iniciei esta reflexão com um beijo. À luz da pintura, a cena etnográfica pontuou a dificuldade em relação aos afetos, proximidades e intimidade em um contexto que os torna perigosos, ajudando-me a situar as misturas corporais e o afeto no espectro das periculosidades. Então, procurei argumentar que a máscara se vincula aos processos de separação de gestão do contágio no nível do corpo. Investindo no lado do forro das máscaras, analisei como esse artefato produz uma fronteira que forja as dimensões “dentro” e “fora”, “interno” e “externo”.

Ao longo desta reflexão trouxe, inúmeras vezes, as noções de perspectiva “interna” e “externa” e de “dentro” e “fora”, tanto como algo que é produzido pelo artefato em questão quanto como um recurso analítico. Enquanto recurso analítico, essa estratégia permitiu tratar desses movimentos de proliferação de fronteiras, separações e divisões para tornar visível um jogo de diferenças entre diferentes dimensões e materialidades. Assim, busquei fazer com que as máscaras funcionassem como uma espécie de *trickster*, já que, se por um lado são produtoras de delimitações corporais, ao mesmo tempo permitem implodir com a artificialidade dessas mesmas dimensões.

Nesse caminho, busquei, ainda, inspirada pela bonita coexistência de perspectivas que vejo na obra de Magritte, fazer reverberar essa lógica no tratamento que, aqui, conferi às máscaras e ao cuidado. As máscaras evocam o cuidado enquanto aquilo que permeia e é permeado pela nossa conexão com o mundo, fazendo-nos ver que estamos em relações de interdependência muito mais intensas do que imaginávamos, inclusive com os microrganismos. Em um mundo pandêmico, onde os beijos se despem de romantismo, as desigualdades proliferam e os corpos habitam potencialmente a posição de (ser e estar sob) perigo, o corpo tal como evocado aqui, entrelaçando-se ao cuidado, parece colocar este último no centro das possibilidades imaginativas de composição de mundo e de relações.

Como salienta bell hooks (2020), já referida, a imaginação deve se enraizar nas condições concretas. Deste modo, se a respiração pode ser compreendida desde um ponto de vista de conexão entre nós e o mundo, Mbembe (2020) faz com que seja incontornável considerar que ela é permeada por políticas, inclusive no que diz respeito ao direito de respirar com qualidade. Assim, ela não se desenreda da toxicidade, das políticas coloniais e neoliberais e da intensificação das desigualdades. Se a vida não se encapsula nos limites da pele, ela depende. A interdependência confere ao cuidado potencialidade contra políticas neoliberais e a como capturam lógicas coloniais moldando o direito à respiração e fazendo morrer. Mais do que isso, quando o cuidado é alargado, ele produz efeitos que permitem refletir a respeito do ambiente, não desmaterializando os corpos como algo diluído no mundo, mas respeitando os jogos de diferença e de relação.

Desta forma, a pandemia dá a ver que a respiração atravessa diversas escalas e, em cada uma delas, produz perspectivas e faz proliferar complexidades (Strathern 2005). No entanto, essas infinitas escalas parecem apontar que imaginar e criar carecem de andar juntos. Deste modo, perante este plano de composição textual feito pelas misturas corporais, pelos afetos, pelo cuidado e pela interdependência, em vias de concluir, recordo uma vez mais bell hooks, que disse: “E a prática feminista é o único movimento por justiça social em nossa sociedade que cria condições para que a mutualidade seja nutrida” (hooks 2020: 150). Neste texto, a autora fala sobre amor. Para ela, o amor combina com cuidado e não pode existir sem justiça social. Assim, para que o futuro possa ser imaginado de maneira que tal imaginação componha atos de criação direcionados a um mundo por vir, a justiça social é necessária, mesmo para respirar.

Referências

- BAIER, Annette. 1993. "What do Women Want in a Moral Theory?". In: LARRABEE, Mary Jeanne (Org.). *An Ethic of Care: Feminist and Interdisciplinary Perspectives*. New York: Routledge.
- BATESON, Gregory. 1972. *Steps to an Ecology of Mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. New Jersey: Jason Aronson Inc.
- COELHO, Maria Claudia. 2020. "Porcos-espinhos na pandemia ou A angústia do contágio". *Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, (Reflexões na Pandemia): 1-10.
- CORTÁZAR, Julio. 1987. *O Jogo da Amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1996. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. v. 3.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70.
- FOUCAULT, Michel. 2018. *Os Anormais*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- FRANKE, Isabel. 2019. *A fotografia e a máscara: uma antropologia da imagem*. Dissertação de Mestrado. PPAS, Universidade Estadual de Campinas.
- GUATTARI, Félix. 2018. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus Editora.
- HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu*, 5: 07-41.
- hooks, bell. 2020. *O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- INGOLD, Tim. 2010. "Footprints Through the Weather-World: walking, breathing, knowing". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, Aberdeen, 16(s1): 121-139.
- MACNAUGHTON, Jane & CAREL, Havi. 2016. "Breathing and Breathlessness in Clinic and Culture: using critical medical humanities to bridge an epistemic gap". In: A, WHITEHEAD et al. (Orgs.). *The Edinburgh Companion to the Critical Medical Humanities*. Edinburgh: Edinburgh University Press. pp. 294-309.
- MBEMBE, Achille. 2016. "Necropolítica". *Arte e Ensaio*, 32: 123-151.
- MBEMBE, Achille. 2020. *Le droit universel à la respiration*. Recuperado em 06 outubro, 2020, de <https://aoc.media/opinion/2020/04/05/le-droit-universel-a-la-respiration/>
- MOL, Annemarie. 2002. *The Body Multiple: ontology in medical practice*. Durham: Duke University Press.
- PACCILLO, Giovanna. 2020. *Formas de visualização da respiração e a pandemia do novo coronavírus*. Recuperado em 06 novembro, 2020 de <http://www.nues.com.br/formas-de-visualizacao-da-respiracao-e-a-pandemia-do-novo-coronavirus/>>
- PRECIADO, Paul. 2020. *Aprendiendo del vírus*. Recuperado em 06 novembro, 2020, de

https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html

PIMENTA, Denise. 2019. *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

SONTAG, Susan. 1978. *Illness as metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

STRATHERN, Marilyn. 2005. *Partial connections*. Lanham: Rowman Altamira.

STOLOW, Jeremy. 2020. *Algumas notas sobre a visualização do corpo pandêmico*. Recuperado em 06 novembro, 2020, de <https://nues.com.br/algumas-notas-sobre-a-visualizacao-do-corpo-pandemico/>

Recebido em 26 de outubro de 2021.

Aceito em 15 de fevereiro de 2022.